

Campos Lima



---

# A GAFANHA

---

Esta é a ditosa patria minha amada.

CAMÕES.

  
**N.º 2**  


**Avulso 30 réis**



**LISBOA**

**1908**

# A GAFANHA

---

Esta é a ditosa patria minha amada

*Camões.*

POR

CAMPOS LIMA

N.º 2

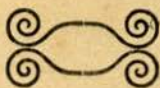
---

**Summario:** — Conferentes por importação. O fogo sagrado do conferente e as oscillações da bilheteira. O namoro e a palermice nacional. Breves palavras sobre a belleza dos nossos costumes. Conferencia + conferencia = O. Assim se faz a educação popular. — Uma revolta de camponezes. O petroleo e

---

Composto e impresso na «Typographia Minerva», de Gaspar Pinto de Souza & Irmão, Villa Nova de Famalicão

o fogo ao serviço da multidão.  
Tactica revolucionaria. — Uma  
creança de carne e osso e uns  
santos de pau. A religião e  
as montras dos santeiros.



*9 de março.*

Importamos por via Brazil ha poucos dias o systema de arengar ao publico de riba dos palcos, mediante a esportula previamente paga na bilheteira. Para isso foi preciso que do Rio tivesse chegado até nós um jornalista em ferias, que teve o merecimento de se desprender de preconceitos e armar em conferente a tanto por palavra. E como se desse o caso de não haver terra como esta para fructificarem as imitações o novo genero pegou entre nós.

Mas não é para reclamar contra a exorbitancia do preço que eu lembro o facto. Não se póde dizer que seja caro, pois as conferencias não sam adjudicadas num lote só, vem á mistura uma peça dramatica para compensação e parece que, fazendo o desconto relativo á representação, a conferencia vale o dinheiro. E' outra a minha intenção: eu quero só apreciar das vantagens que uma tal innovação pode trazer á nossa terra.

A' primeira vista parece que de facto, num paiz de analphabetos, esse seria um meio de instrucção de primeira ordem. Não obrigava a leitura e, por isso mesmo que se pagava, obtinha uma maior attenção da parte do auditorio. Poderiam adduzir-se pois a favor d'isso as rasões com que se combate a propaganda revolucionaria por meio de publicações gratuitas e se fazem lá fóra conferencias de educação livre pagas.

Porém é preciso não esquecer que estas conferen-

cias de agora têm por detraz um empresario de theatro. Nessas condições o que se requer não é que o publico se instrua, á custa d'uma mais ou menos fastidiosa exposição de sciencia, mas que se divirta.

A primeira precaução a tomar foi a de que as conferencias não poderiam ir além d'uns tantos minutos, isto é o tempo sufficiente para que o espectador não fique a fazer grande ideia do que ouviu e não se aborreça com o conferente. Com o mesmo espirito, serám necessariamente postos fóra da inscripção os conferentes que não adaptem a orientação das suas palavras á da plateia. Será preciso ir-lhe ao sabor, para que o theatro se não arraze e a bilheteira continue a accusar boa receita.

Assim essas conferencias não passarám de esquisitices de salão e os prelectores terám de substituir bem depressa o tom sentencioso e didatico pelo gesto galante ou o esgar grotesco para gaudio do sr. espectador, que pagou o seu bilhete. Amestrado já nos processos, o jornalista fluminense mostrou-se um authentico cultor d'esse genero, meio homem de lettras, meio actor, mexendo todas as cordas sensiveis, para que o publico, com a razão da sua bolsa, não sahisse a chamar-lhe massador.

De fórma que as confereencias virám a não tratar de coisa que preste. E não será muito para admirar ver dentro em pouco annunciadas algumas com titulos como estes: *O leque, O lenço, As flores, O perfume, O guarda-chuva, etc.*

Em confronto com a do jornalista do Rio, embora não paga, mas obedecendo á mesma corrente que provocou as outras, ha já uma que é retintamente do

genero: *O namoro*. Não a ouvimos, nem somos das relações do autor para lhe pedirmos uma summula. Porém o que podemos affirmar sem receio de erro é que deve ter sido uma serie de dictos com espirito, focando situações grotescas, sem outro fim mais do que o de fazer cocegas ao auditorio.

O conferente, que é tambem autor dramatico, já do assumpto extrahira uma peça em trez quadros! Já a tal respeito nos fizera ouvir prosa, verso e musica! Batera já toda a escala do amor chocarreiro e idiota, para que nessa conferencia não devesse repetir-se. Lá teria de vir inevitavelmente o namoro por signaes, pelo telephone, o da porta da escada (passando este agora sem os cortes da censura). Entraria como importante elemento a troca das *cartas*. Quanto a conhecimentos o conferente limitou-se certamente a reproduzir os de qualquer menina da Baixa, com dois annos de pratica em namoro com rapazes da escola do exercito.

Ora o namoro, lamechismo nacional, fruste, indecoroso, é uma das instituições a respeito das quaes se teria o direito de falar, não com guizos de jogral, mas de chicote na mão. Um namorado que vae, juncto da moradia da dulcinéa, esvasiar todas as noites o sacco do seu sentimentalismo perante o transeunte, ás vezes avinhado e inconveniente, é, antes de tudo quanto d'elle se queira dizer, um homem sem caracter. Não ha amor, quando sincero, que se harmonise com o ridiculo d'uma comedia d'aquellas.

No namoro, feito por este processo, sem approximações, como de gatos que se cubiçassem de telhados differentes, não ha grandeza nem, quando mais

não fosse, naturalidade. Além de tudo o mais, elle anda repassado d'uma boa dóze de hyprocrisia: *ella* em casa compõe-se para o esperar, *elle* em baixo faz o mesmo. Tratam de se illudir um ao outro o mais que podem. As suas conversas sam banaes e tolas; falta-lhes aquelle motivo para as dignificar que seria a approximação, em que a natureza se revela contra todos os artificios, e nos obriga a mostrar-mo-nos taes quaes somos.

O namoro em Portugal é a farça que dá maior contingente para o desnaturamento e empobrecimento moral da nossa gente. A familia resulta d'elle, organisando-se assim apelintradamente, sem verdade nem belleza, a ligagão conjugal, que devia ser um dos actos mais perfectos e em que melhor se marcasse a nossa qualidade de seres intelligentes. Assim neste paiz namora-se sem rasão nem explicação, da mesma maneira como se é parvo. O namoro entra na mesma cathegoria das variadas palermices de exteriorisação com que toda esta sucia de idiotas, que em vez de massa cinzenta trazem no cerebro teias d'aranha, por ali se pavoneia lamentavelmente.

Os papás e as mamãs protegem a instituição. Fecham os olhos, fingem não ver. Dam mesmo o consentimento official para que uma pobre rapariga desde os quatorze annos possa perverter o rudimentar sentimento esthetico que por ventura tenha da vida, passando annos a projectar o olhar sobre um homem visto do alto, amesquinhado portanto e tendo ainda a aggravante de se torcer detestavelmente e de falar aos guinchos para ser ouvida. Debruçada sobre o peitoril da janella, a infeliz lá vae deformando o corpito

já de si mediocre, sacrificada a uma moda ridicula, que ha-de levar seu tempo a limpar dos costumes de uma sociedade pretenciosa e bacôca como esta.

No seu olhar não se conhece se ella terá bem a noção de que o amor é qualquer coisa de parecido com o despertar da luz, com o rebentar das flôres e o amadurecer dos fructos e que, em vez d'uma janella de terceiro andar e da calçada suja das ruas da cidade, ella precisa de sol, da paysagem, do ar puro e livre dos campos. Bem por certo ella não sabe que falseia a vida, que mente aos seus proprios sentidos, realisando aquelle simulacro de amor, que a perversão dos tempos modernos creou pela mesma fórma por que falsifica um sacco de farinha ou um barril de azeite.

O namoro é a consequencia da estúpida separação dos sexos, do prejuizo que nos ficou do tempo dos frades e das beatas de que desde crianças as raparigas devem tratar como inimigos os rapazes. Não se chega assim a estabelecer a franca communhão espirital que tam precisa é depois no casamento. E o resultado é em geral a decepção dos noivos passada a lua de mel.

Nós escolhemos os nossos amigos, pelo seu feitio, a sua moralidade, o seu espirito; mas não escolhemos as nossas noivas. Separam-nos do outro sexo, adulterando-nos assim a noção que d'elle teriamos naturalmente se essa separação se não desse. Pouca gente ha que não dê da sua inclinação por qualquer mulher senão as rasões da sua belleza physica: uns lindos olhos, um palminho de cara supportavel. E quasi nenhum dos namorados, antes de annunciar a respectiva missiva, teve meio de apreciar das qualidades moraes



da creaturinha dos lindos olhos, que pode ser, e que muitas vezes é, uma detestavel esposa e uma pessima educadora dos filhos.

Disse todas estas coisas barbaras e terriveis o illustre conferente? Não disse. O caso era para risota e sua ex.<sup>a</sup> não nasceu para causticar o proximo.

Mas, por isso mesmo, a sua conferencia passou innocentemente como todas as banalidades e, por isso mesmo, d'esta maré de conferentes improvisados eu não espero nada a favor da educação do nosso povo.

*10 de março.*

Um homem lá de cima das serras conta-me hoje minuciosamente como se deu o assalto popular á repartição de Fazenda de Valpassos. Confesso-lhes que é o mais que se pode exigir como processo de organização revolucionaria.

Eu lhes conto. Nessa noite a villota transmontana foi invadida por uns seiscentos homens do campo. Pelo aspecto eram de freguezias differentes. Traziam a cara tapada com uma mascara preta, improvisada com um trapo, onde haviam feito dois buracos na altura dos olhos.

Toda essa gente entrou na villa silenciosamente, sem um grito sem um viva, nada que interrompesse o somno dos valpassenses. Dirigiu-se para o local onde estava a repartição de Fazenda. Ahi distribuiu-se pelas embocaduras das ruas, estendendo-se mais para além as respectivas vedetas.

Feitos estes preparativos, e conservando todos o mesmo silencio, entrou um pequeno grupo, depois de

arrombada a porta, a buscar os livros das matrizes e toda a papellada official. Trazido tudo para a rua, ali foi banhado em petroleo, sendo-lhe em seguida communicado o fogo.

Em volta a multidão assistia á destruição dos papeis, sem soltar um brado, no mesmo silencio com que apparecera na villa. E no mesmo silencio se foram todos embora, quando o incendio consummia a ultima letra de funcionario publico ao serviço do Estado.

No dia seguinte todos os habitantes da villa se surpreendiam do facto, que não tinham presentido sequer. Organisaram-se investigações, fizeram-se interrogatorios e nada se apurou. Por toda a parte o mesmo sempre o mesmo silencio impenetravel.

Ora isto prova mais uma vez esta verdade bem conhecida: o poder de organização das multidões. E' como um instincto, em que os chefes se dispensam por inuteis.

Aquelles homens tomaram estas precauções intelligentes: Vieram de cara tapada. Assim não foram conhecidos por ninguem e provavelmente *não se ficaram a conhecer todos uns aos outros*, para o caso de possiveis denuncias. Não levaram nem cinco reis do cofre da recebedoria, que estava no mesmo edificio. Evitaram assim o comprometterem-se mais tarde ao apparecerem com o dinheiro. Evitaram tambem as provaveis desavenças na sua distribuição e portanto outro motivo de virem a ser descobertos. Não se deixaram enthusiasmar pelo seu acto, mantendo-se no maior silencio, não chamando assim a attenção. E a sua solidariedade é tão perfeita que d'entre seiscentos, como calcula o meu informador que assistiu á scena

dissimulado numa janella distante, nem um só abriu até hoje a bocca.

Esses homens não sabem ler e escrever. O seu acto é um simples gesto de revolta, não determinado por philosophias e apenas filho do bom senso de creaturas que se julgam roubadas. No entanto, assim ignorantes, o seu gesto é bem lançado, com methodo, com raciocinio, com segurança. Em todos os tempos o povo foi sempre quem deu lições aos conspiradores politicos. Só os levantamentos populares é que sam organisados com perfeição, exactamente porque não requerem um longo preparo e nascem espontaneamente da massa, sem discursos e sem suggestionadores.

Esses laponios que entraram em Valpassos e atacaram a Fazenda nacional não teem nome nenhum, não sam ninguem. Não pertencem a um partido nem teem um credo politico. A sua noção simplista da vida leva-os a não comprehenderem a necessidade d'aquelles alfarrabios de que só lhes resulta mal. Revoltam-se e a sua revolta resolve-se na queima d'esses papeis que odeiam. Communiquem porém a esses cerebros um pouco mais de luz, façam-nos raciocinar a sua revolta, e em vez d'um simples levantamento te-reis uma revolução.

A comprehensão d'este facto é que levou os revolucionarios russos a penetrar nas aldeias e a fazer a propaganda em massa. E em Portugal não haverá verdadeiramente movimento revolucionario com caracter accentuadamente popular emquanto nelle não interessarem o camponez. Prégue-se-lhe que a terra deve ser de quem a cultiva, que elle deveria trocar os seus productos directamente com os operarios das ci-

dades; explique-se-lhe a todas as horas e instantes as vantagens da organização proletaria e alargue-se-lhe o sentimento de solidariedade, de forma a abranger o seu irmão das fabricas; e ter-se-ha dado o primeiro passo para a revolução do povo. São os que soffrem e trabalham os que produzem toda a riqueza material da nossa civilisação. Elles terão de ser também ainda os obreiros da grande transformação moral da sociedade. Só tu, ó povo, és grande, só tu és forte.

*19 de março.*

Decididamente não ha paiz tam pitoresco como este. Francisco Ferrer, que foi julgado e absolvido no processo do attentado contra o rei Affonso XIII, logo apoz a sua sahida da cadeia percorreu toda a Europa. Visitou todos os paizes com excepção de Portugal. Em todos a sua presença não despertou o mais pequeno movimento por parte dos governos, demorando-se em cada um d'elles o tempo que lhe apeteceu. Lembra-se porém agora de visitar esta gloriosa terra e logo presurosamente a policia, com aquella delicadeza que lhe conhecemos, o espera no desembarque, lhe lança sobre o hombro a mão pesada e brutal e o leva preso a elle e a Soledad Villa Franca.

Ferrer vinha de França, d'onde partira livremente e para onde livremente regressou hoje. Ferrer não é um homem perigoso senão em Portugal. O que quer dizer isto ?

Um patriota indigna-se, «pelo triste espectáculo que nós demos das nossas vergonhas perante um estrangeiro». Eu tranquiliso o patriota: o «estrangei-

ro» sabe distinguir entre o paiz e a auctoridade que o imagina representar. Tambem por lá, por Hespanha, elle tem d'isso, pois só nestes dois paizes foi perseguido. Pode dormir pois sem sobresaltos o patriota: a honra da patria está salva.

O que importa é mesmo accentuar que este caso resulta d'um entendimento entre a gente de Hespanha e a de cá. E' uma especie de extradicção disfarçada, contra todos os principios do direito internacional. Servilmente, de cócoras perante o Alfonso XIII, o governo de força que para ahi está, logo attendeu as ordens que de Hespanha vinham. E Ferrer, o pacifico propagandista da instrucção, o devotado amigo das creanças, que tem dedicado a sua fortuna a dezenas e dezenas de escolas que tem fundado, com os methodos mais racionaes de ensino, foi arvorado em homem tenebroso e terrorista, como convém aos reacceonarios hespanhoes, que anceiam por o primeiro pretexto para inutilisar toda a sua obra de educação livre.

Em tempo, vae para mais d'um anno, Ferrer quiz vir a Portugal. Assim m'o communicava numa carta, que eu ponho á disposição do juiz d'instrucção se nella quer ver os vestigios da alma sanguinaria do meu amigo. Eu respondi, conhecedor *d'isto* melhor do que o patriota que agora se indigna, que não viesse, que *podia ser expulso*. Por qualquer circumstancia, que não esta, Ferrer não pode vir então. Mas, quando recebeu a minha carta, *não quiz acreditar...*

Não se incommode outra vez o patriota. Ferrer veio effectivamente a Portugal conhecer o agente Cyro, mas em compensação levou na sua malla ... a

*Cartilha Maternal* de João de Deus. Porque o patriota pertence a um paiz que, sendo de analphabetos, possui o melhor methodo de ensinar a ler. Terra de paradoxos e de contradicções este delicioso Portugal do Camões e do sr. Campos Henriques ...

*20 de março.*

Fui encontrar hoje um pequenito de cinco annos muito pasmado deante d'uma montra de santeiro, admirando as figuras, de tamanhos desiguaes, que por detraz do vidro sorriam, na sua expressão dolorida de martyres e de apóstolos. Para o petiz, que não comprehende que uma montra seja feita para attrahir o comprador e nella só vê um motivo para prender a sua imaginação infantil, aquellas imagens não eram uma simples amostra commercial, mas santos authenticos, dignos da mesma veneração com que nas egrejas tem admirado os outros.

Compungidamente fixava pois o nosso pequenino religioso a tristeza resignada das estatuetas, onde se destacava a irreverencia d'um menino-Jesus bochechudo, que com o seu riso aberto troçava da gravidade dos santos adultos. De repente, para a creada, cheio de curiosidade :

—Aquelle santo que está a fazer alli trepado ?

—E' o Jesus—respondeu solícita a interpellada. Pregáram-no naquella cruz, com uns grandes prégos, os marotos dos judeus. Olhe o sangue que elle tem nos joelhos.

O pequeno olhou absorvidamente para os joelhos do Christo. Lá estava o sangue que lhe tinham feito

os maus dos judeus! Que maus que eram os judeus! E na sua imaginação de creança apparecia-lhe um calvario de sonho, com figuras extraordinarias, sombras errantes, mysteriosas, incomprehensíveis. Depois para o lado :

—O Jesus é bom, não é?

A creada não o ouviu. Passára rente um seu conhecimento, uma outra creada. Tinham feito já os cumprimentos e começavam a entrar num d'esses longos dialogos de creadas, especie de revista minuciosa da vida dos amos, em que estas desgraçadas costumam vingar-se da sua condição servil. Não ouviram pois o pequeno, que repetia :

—O Jesus é bom não é?

Respondi eu :

—O Jesus é de pau.

O pequenito ficou calado, com os olhos espantados para mim. No momento chegava á porta da loja o santeiro, um bom velhote, de aspecto sympathico.

E eu disse á creança :

—Este Jesus foi feito por aquelle homem.

O pequeno olhou para o homem, depois tornou a olhar para mim.

Mas o santeiro, attrahido, disse de lá tambem:

—E ainda faço mais. Olhe, ando a fazer este.

E mostrou um mono que tinha na mão, já com cabeça, mas ainda sem braços.

O pequenito falou então :

—Mas esse não tem a cara como a gente.

E o homem :

—Isto depois pinta-se como aquelle e fica mais bonito.

O pequeno tornou a olhar para mim. Entretanto o homem recolhera para o interior do estabelecimento para attender uma pessoa que entrara. E a creança, pensativamente, dirigiu-me o seguinte interrogatorio:

—Aquelles todos sam de pau ?

—Sam.

—Não falam ?

—Não, porque sam de pau. Não falam, nem andam.

—E os outros santos, os da egreja, tambem sam de pau ?

—Tambem.

Então o pequenino desatou-se a rir. E inquirindo vim a saber que se ria da quantidade de gente que vae ás egrejas «resar a um pau». Claro que eu corroborei a sensata reflexão d'aquelles cinco annos que começavam a ver claro nas ficções em que tanta gente grande anda illudida e insisti em accentuar que tudo aquillo era pau, pau bruto, insensivel. O pequeno ria regaladamente, olhando para os pobres dos santos com um olhar satisfeito e sadio, como de quem já os conhecia por dentro e por fóra e os não tomava a serio. Depois quiz tambem que a creada tomasse parte na risota e foi puxar-lhe fortemente pela saia. D'esta vez a mulher olhou, attendeu-o. E elle logo:

—O Jesus tem uma cara muito feia.

—Credo, menino, isso não se diz do Jesus. . .

—Ora, elle é de pau. . .

Passava no momento o electrico que eu alli me postára a esperar. Atravessei a rua, ouvindo ainda, atraz de mim, o pequeno a dizer á creada:

—E' de pau, e tem uma cara muito feia, tem.

E, enquanto eu tomava o meu lugar no carro, con-



siderei como é simples a verdade, quando a despimos das roupagens com que a cobrem e como é bello o mostrá-la núa mesmo aos olhos d'uma creança.





---

**Esta publicação é paga por numero,  
no acto da entrega, a 30 réis.**

---

**Envia-se pelo correio a quem pa-  
gar adiantadamente, em series de 10  
numeros, (300 réis).**

---

**Acceitam-se agentes na provincia  
para a distribuição e cobrança.**

---

**Recebe-se toda a correspondencia  
e podem requisitar-se exemplares na  
Rua do Ouro, 149 2.º—LISBOA.**

